

# Ancestralidade e Memória: Uma Reflexão Crítica sobre Minhas Raízes

*por Marta da Silva Ribeiro*

## 1. Introdução

Este texto tem como objetivo compartilhar minha compreensão sobre o conceito de ancestralidade, desenvolvida ao longo da disciplina eletiva Pedagogia da Ancestralidade. Esta experiência fez parte do programa de mestrado profissional em Atenção Psicossocial, no IPUB/UFRJ, que tive a oportunidade de vivenciar no último semestre. Este trabalho reflete não apenas os aprendizados teóricos e reflexões realizadas ao longo do curso, mas também uma jornada pessoal de conexão com minhas raízes e histórias, muitas delas contadas por meus pais, avós e tios.

Gostaria de começar pedindo licença e saudando meus ancestrais, assim como todos aqueles que, direta ou indiretamente, moldaram minha existência. Falar de ancestralidade é, antes de tudo, um ato de respeito e valorização das trajetórias que nos precederam.

## 2. Uma herança complexa: entre resistência e colonização

Sou descendente de portugueses que migraram para o Brasil ainda jovens, no início do século XX. Portugal enfrentava uma grave crise econômica, marcada pelo desemprego e por profundas desigualdades sociais, especialmente nas áreas rurais. Para muitos, como meus bisavós, o Brasil representava uma terra de esperança, onde seria possível superar a extrema pobreza e construir um futuro melhor.

No entanto, a chegada ao Brasil, carregada de expectativas de superação, insere-se em um contexto histórico mais amplo, marcado pelas contradições do período pós-abolição. A imigração europeia, incentivada pelo governo brasileiro, foi uma estratégia para suprir a mão de obra no campo, mas também reforçou o racismo estrutural, ampliou as desigualdades sociais e, em muitos casos, apagou as histórias e os direitos das populações que já habitavam este território.

Meus bisavós vieram para o Brasil movidos por coragem e pelo desejo de reconstruir suas vidas. Enfrentaram longas jornadas, adaptações culturais e barreiras sociais em terras desconhe-

-cidas. Esse movimento migratório não foi apenas geográfico; foi também um processo de reconstrução identitária, onde os laços com a ancestralidade portuguesa se misturaram à criação de novas raízes em solo brasileiro. Cada passo foi marcado pelo esforço de transformar adversidades em possibilidades. Acessar essas histórias exige cuidado e respeito, pois se trata de vidas atravessadas por sonhos, dores e desafios, mas também pelo peso de estruturas históricas. Quando falamos sobre imigrantes portugueses no Brasil, é importante reconhecer que essas narrativas não podem ser romantizadas ou vistas apenas como relatos individuais de superação. Elas integram um movimento migratório mais amplo, carregado de contradições, que reflete as desigualdades estruturais do período.

Meus bisavós, como tantos outros, vieram movidos pela esperança de um futuro melhor em meio às dificuldades da Europa. Contudo, sua chegada deve ser compreendida dentro do contexto das desigualdades históricas que moldaram o Brasil. A relação desigual entre a metrópole portuguesa e sua antiga colônia perpetuou estruturas coloniais que ainda influenciam as dinâmicas sociais, econômicas e culturais do país.

Resgatar essas memórias familiares é um exercício que busca equilíbrio: nem romantizar suas trajetórias, nem ignorar os impactos desse movimento migratório nas relações históricas de poder. Procuo compreender os contextos que moldaram as decisões e os caminhos de meus bisavós, mergulhando nas circunstâncias econômicas, sociais e culturais de sua época. Reconheço que a migração de minha família carrega a complexidade de ser, ao mesmo tempo, uma busca por novas oportunidades e um reflexo das dinâmicas colonizadoras que marcaram a formação do Brasil.

Revisitar essas histórias não é apenas uma forma de entender o lado humano das jornadas, com seus desafios e esforços de adaptação, mas também de situá-las em um panorama mais amplo. O movimento de meus bisavós não é apenas um capítulo na história da minha família, mas parte de um contexto maior que ainda reverbera nas desigualdades e dinâmicas sociais que vivemos hoje enquanto sociedade.

### **3. Privilégios, silenciamentos e desigualdades**

Não podemos negar que essa apropriação territorial e cultural foi atravessada por dinâmicas de violência e pelas marcas do racismo estrutural, cujos efeitos ainda reverberam na sociedade atual. Reconhecer esse processo é parte para busca da transformação social que tanto almejamos.

Grada Kilomba (2019), em sua obra “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, descreve as etapas do processo de desconstrução do racismo como negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Refletir sobre ancestralidade, especialmente em um país como o Brasil, é enfrentar essas camadas históricas e buscar justiça social.

Embora tenha crescido em uma infância marcada por pobreza e dificuldades, reconheço que

ser branca me posiciona em um lugar de privilégios em uma sociedade estruturalmente racista. Essa percepção não diminui os desafios que enfrentei, mas amplia meu entendimento sobre como as desigualdades são multifacetadas. Ser branco no Brasil significa, muitas vezes, ter acesso mais fácil a oportunidades e direitos, algo que frequentemente é negado a pessoas negras e indígenas.

Reconhecer esses privilégios é apenas o começo. É necessário questionar as estruturas que perpetuam essas desigualdades e usar esse entendimento como base para construir um futuro mais inclusivo.

#### **4. Memórias de ancestralidade**

Meus avós maternos eram descendentes diretos de portugueses, e suas histórias de vida sempre foram um elo poderoso com minhas raízes. Cresci ouvindo relatos de uma infância marcada pela pobreza e pelo trabalho na roça, onde cada dia era uma luta pela subsistência. Minha avó, uma mulher profundamente católica e praticante devota de sua fé, tinha um papel especial na comunidade: era conhecida como rezadeira. Ela era chamada para as casas das pessoas, onde fazia rezas de cura. Lembro com carinho das histórias de como suas preces eram eficazes, especialmente no tratamento da erisipela, uma condição que ela parecia ter um dom quase mágico para aliviar as dores.

Passei alguns dias no sítio do meu bisavô materno, e essa experiência deixou marcas profundas na minha infância. Brincar na roça, sentindo a liberdade da amplitude do terreno, foi algo que nunca vou esquecer. O esconde-esconde atrás de árvores parecia um universo inteiro à disposição da minha imaginação. Ao mesmo tempo, havia a ternura com que minha avó cuidava do meu bisavô, já bastante idoso, um gesto que revelava não apenas amor, mas também respeito por suas origens e pelo que ele representava para a família.

Minha avó também compartilhava memórias curiosas sobre seu pai, que tinha o hábito de apenas comer sardinhas sempre acompanhadas de vinho. Esses detalhes, aparentemente simples, me conectam a um tempo e a um modo de vida que hoje parecem tão distantes, mas que moldaram profundamente quem sou. Essas memórias não são apenas lembranças afetivas, mas também uma janela para refletir sobre a ancestralidade e os valores que percorrem gerações.

#### **5. A jornada de resgate e conexão**

Revisitar minha ancestralidade durante a disciplina foi uma experiência transformadora, mas não isenta de desafios. Em muitos momentos, senti medo e confusão ao explorar um terreno cheio de lacunas, silêncios e cicatrizes. A ausência de respostas claras sobre a história dos meus bisavós me levou a questionar: Por que eles vieram? Quem eles deixaram para trás? Como imaginaram a vida por aqui?

Essas perguntas, apesar de permanecerem parcialmente sem respostas, abriram caminho para uma nova forma de compreender minhas origens. Compartilhar essas histórias é mais do que um ato de comunicação; é um gesto de resistência e continuidade, fortalecendo os laços com o passado e promovendo um senso de pertencimento.

Neste texto busco apresentar um pouco da minha história, mas ainda sei muito pouco, tenho a sensação de um aniquilamento de nossas memórias, mas ainda não consigo compreender bem os motivos desse processo. Entendo que acessar a história deveria ser um direito fundamental, pois é por meio dela que construímos identidades, compreendemos nossas origens e nos posicionamos no mundo. O apagamento da história é um ato de violência que silencia vozes, destrói identidades e perpetua desigualdades. Para aqueles cujas histórias são apagadas, as lacunas na memória coletiva comprometem profundamente a autoestima e trazem consigo consequências que reverberam por gerações.

Acho que por isso é tão importante refletir sobre ancestralidade. Percebo que somos frutos de uma trajetória muito maior do que nossa existência, o que é importante reconhecer, pois cada gesto, palavra e escolha carrega um pedaço daqueles que vieram antes de nós. Reafirmar a ancestralidade é dar visibilidade às vozes silenciadas e valorizar as contribuições culturais, espirituais e históricas.

Ao olhar para o passado, percebemos que nossas escolhas de hoje não são isoladas: elas dialogam com um legado que carrega histórias de coragem, sabedoria e adaptação. A ancestralidade nos lembra que não caminhamos sozinhos, mas com a força daqueles que abriram caminhos, mesmo em meio a desafios e adversidades.

## 6. Conclusão

Essa jornada de autoconhecimento e reconhecimento de privilégios foi um convite à ação. Ao revisitar a ancestralidade, percebi que esse processo não se limitava a um simples resgate histórico, mas se transformava em um gesto profundo de resistência e ressignificação das minhas próprias memórias. Cada passo dado foi um ato de empoderamento, no qual pude entender a força de minhas origens e a responsabilidade que tenho de transformar a memória do passado em compromissos concretos no presente. Revisitar minha história foi mais do que entender de onde venho; foi reconhecer o impacto daquilo que vivi e daquilo que me foi legado.

Dar visibilidade às minhas origens e às histórias daqueles que vieram antes de mim tornou-se algo imprescindível. Cada história que ecoa de nossos antepassados carrega uma sabedoria única e uma resistência incomparável. Esse exercício de reconhecer minhas raízes deve ser maior do que qualquer receio ou desconforto de encarar verdades difíceis ou ainda inexploradas de minha família. Porque é ao olhar para essas histórias com coragem e clareza que posso compreender como aconteceu a minha história.

No final, percebi que essa jornada, por mais desafiadora que fosse, não era apenas sobre resgatar memórias ou questionar o passado, mas sobre um chamado para a ação transformadora. Era um convite para compreender, reconhecer e questionar não apenas a história que me precede, mas também os sistemas e estruturas que ainda perpetuam as desigualdades e injustiças. Esse movimento de reflexão e ação não é algo que ocorre de forma isolada, mas é um processo contínuo de transformação pessoal e coletiva.

Só a partir desse movimento é que poderei ressignificar minha história, compreendendo que, ao olhar para o passado que me constitui, sou capaz de construir um futuro mais inclusivo, solidário e justo.

## Referências

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira e Suzana Almeida. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GRANGEIA, M. L.. *Memórias e direitos na imigração portuguesa no Brasil do século XX*. História (São Paulo), v. 36, p. e16, 2017.